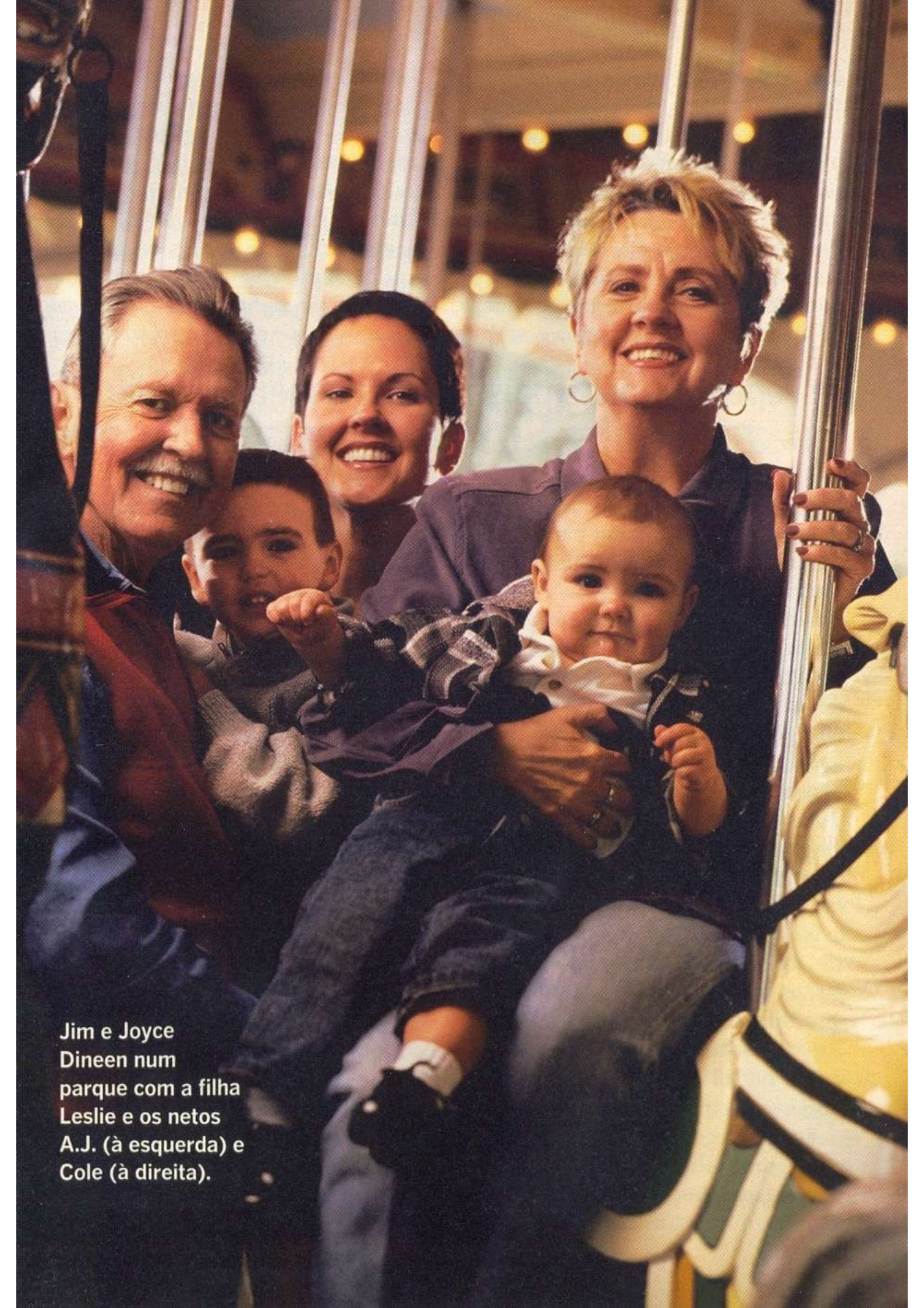


Quando minha mãe doou
um rim a meu pai, seu gesto
deu vida nova a ele e
ao casamento

Na Saúde e na doença

POR SHARI LACY,
COMO RELATADO A ALANNA NASH

O ANO DE 1998 MARCOU o início de uma transformação admirável em nossa família. Meu pai, Jim Dineen – aquele tipo de homem que está sempre saudável, faz musculação e nunca falta ao trabalho –, descobriu que tinha uma doença renal. Estava com 52 anos e não apresentava nenhum sintoma. Não sabemos como contraiu a doença – ele até imaginou que a exposição ao agente laranja, quando se encontrava no Vietnã,



Jim e Joyce Dineen num parque com a filha Leslie e os netos A.J. (à esquerda) e Cole (à direita).

pudesse ser um fator –, e o caminho de recuperação foi longo. Entretanto, em novembro de 2003, ele recebeu um rim saudável no Christ Hospital, em Cincinnati, onde meus pais moram. Minha mãe, Joyce, um ano mais nova do que ele, foi a doadora. Depois de anos de altos e baixos conjugais, várias cirurgias por causa de complicações da doença e muitas

resultado dos diuréticos que estava tomando que ele desmaiou e caiu na banheira, fraturando os dois cotovelos, várias costelas e sofrendo uma concussão. Ele havia iniciado o tratamento com prednisona e, no começo, ganhou 18 quilos de líquido, praticamente vivendo no banheiro.

Tinha vergonha de sua figura e esperava até a noite para fazer com-

De repente, meus pais instintivamente se deram as mãos. Em meus quase 35 anos

dificuldades financeiras, a dinâmica de nossa família mudou para nós todos, de um jeito que jamais poderíamos imaginar.

Meus pais tiveram seus problemas e, como filha, nunca saberei como conseguiram completar 38 anos de casados. Eles se amavam, mas não demonstravam. Meu pai adorava cerveja e sempre depreciava minha mãe. Quando ela tentava se impor, acabava em briga. Lembro-me de quando minha mãe visitou minha irmã, Leslie, e eu quando estudávamos na Miami University em Ohio, e avisou que ela e papai iam se separar. No fim, porém, os dois ficaram juntos por causa da fé. Acreditavam que Deus tinha um motivo para que continuassem casados e se resignaram a partilhar suas vidas, por mais imperfeitas que fossem.

Foi a enfermidade de meu pai que começou a mudar tudo. No início da doença, ele sofreu muito. Em 1999, os eletrólitos baixaram tanto como

pras. A única vez em que apareceu em público naqueles dois anos foi num casamento. Papai queria tanto estar presente que decidiu se expor ao ridículo. (As únicas peças que cabiam em seu corpo inchado eram um conjunto de moletom cinza e chinelos.) Não sei de onde tirava forças para prosseguir.

Durante todo esse período, minha mãe sempre esteve a postos, solidária e prestativa. Permaneceu ao lado dele por seis cirurgias de estômago e 35 outros procedimentos para drenar o líquido que se acumulava em seu abdome por causa da prednisona. Os dois tinham de trabalhar em conjunto para que ele chegasse ao fim de cada dia.

De início, os tratamentos de diálise, que começaram em 2001, eram realizados numa clínica, três vezes por semana. O braço de meu pai ficava preto por causa das agulhas. Não é de admirar que minha mãe tenha se apavorado quando a diálise

passou a ser feita em casa, o que deixava o tratamento e a saúde dele nas mãos dos dois. Ela, porém, estava determinada a não deixá-lo passar por aquilo sozinho. Toda noite, como o co-piloto de um avião, mamãe repassava com ele a lista de procedimentos. A certa altura, quando os músculos de meu pai atrofiaram, possivelmente em decorrência da prednisona, ela o ensinou a andar de

contar a todo mundo o que minha mãe estava fazendo por ele. Um mês antes da cirurgia, deu-lhe flores de aniversário, acompanhadas de um cartão que dizia: “Amo você e seu rim! Obrigado!”

Em termos financeiros, a doença foi devastadora para eles. Como estava doente demais para trabalhar, papai perdeu a empresa de consultoria. Nesse mesmo período, mamãe

de vida, eu jamais os vira fazer esse gesto. Fiquei fascinada.

novo. O processo parecia não ter fim, prendendo ambos em casa e tirando-lhes a liberdade.

A decisão de fazer o transplante renal foi longa e penosa para meu pai, sobretudo porque ele também tinha complicações hepáticas. A assistente do médico disse a ele: “Pela sua ficha, o senhor deveria estar morto.” E, durante algum tempo, os médicos equivocadamente imaginaram que ele precisaria também de um transplante de fígado.

Quando enfim começaram os exames para encontrar um doador, em 2003, diversas pessoas, inclusive eu, meu tio Tom e minha mãe, mostraram-se compatíveis. Mas foi minha mãe que insistiu em continuar. Disse que não tinha medo e que era o certo a fazer. Todos recuamos, pasmos.

Por fim, foi marcada a data da operação: 11 de novembro de 2003. De repente, a meu pai só importava

foi demitida de dois empregos. Durante meses eles não tiveram renda e correram sério risco de perder a casa. Meu pai abriu mão do carro e, quando o de minha mãe enguiçou, foi outro grande rombo nas reservas já minguadas dos dois.

Portanto, minha irmã e eu ficamos surpresas quando, pouco antes da operação, papai nos entregou um pingente de diamante, que deveríamos dar a mamãe após a cirurgia. Ele havia escondido alguns dólares para comprá-lo.

No hospital, no dia do transplante, todos os nossos parentes e amigos se amontoaram na sala de espera e participaram de um jogo cruel. Minha família sempre enfrentou as dificuldades com muito riso e, embora nervosos, decidimos apostar quanto tempo demoraria aquela “mudança de comportamento” em meus pais.

Havíamos dito a papai que, se ele



Foram cinco anos torturantes, mas enfim a vida voltou a ser feliz para os Dineens.

fosse desagradável em qualquer dia depois da operação, não poderia botar a culpa na TPM porque agora tinha um rim feminino!

As cirurgias correram bem e logo minha irmã e eu pudemos vê-los. Papai sentia muita dor, mas só queria saber de mamãe. Ela estava bem? Como estava se sentindo? Então as enfermeiras fizeram algo que fugia um pouco à regra. Quando tiraram minha mãe da sala de recuperação, levaram-na a um quarto isolado, para visitar meu pai. Foi surreal ver nossos pais ligados a aparelhos e ca-

teteres, tentando conversar entre lágrimas. As enfermeiras nos deixaram dar o pingente de diamante a minha mãe, para que papai a visse abri-lo. Todos choraram, inclusive as enfermeiras.

Com a câmera digital em punho, tive a presença de espírito de documentar o momento. Meu pai não conseguia conter a emoção e, de repente, os dois instintivamente se deram as mãos.

Em meus quase 35 anos de vida, jamais vira meus pais fazerem um gesto semelhante. Fiquei fascinada.

Bati a foto e corri para casa para me certificar de que havia captado aquele momento grandioso e definitivo. Aquela fotografia das mãos de meus pais dizia tudo. Depois de tantos anos de discórdia, ficou claro para mim que eles entenderam o quanto se amavam.

Meu pai parou de beber no começo da doença e agora voltou à academia para recobrar o tônus muscular. Está abismado com a rapidez com que se recuperou fisicamente. Mas vejo mudanças muito mais profundas. É como se o transplante tivesse curado toda a família.

Meu pai ficou sem dúvida mais sereno. Está mais maduro e paciente. Já não trata minha mãe com ar de superioridade. Ela, por sua vez, também se libertou, pois não precisa lidar com toda aquela raiva. Há uma

intimidade inédita entre os dois, e a experiência aumentou sua fé. Mãe diz que vê a mão de Deus em todo esse longo percurso.

Moro em Nashville e, agora, quando falo com meus pais ao telefone, brinco: “Quem são vocês? Estão me assustando!” Porque às vezes agem como crianças. Riem mais e reclamam menos.

No Natal, Leslie e eu demos a eles duas fotografias ligadas por elos. A de cima mostra suas mãos unidas no dia do casamento, 7 de agosto de 1965. Na moldura, está escrito: “Na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza.” A segunda foto é daquele dia no quarto de hospital. As mãos estão entrelaçadas com cateteres e pulseiras de identificação, e na moldura se lê: “Na saúde e na doença, até que a morte nos separe.”

MAPA-MÚNDI

Quando comecei a viajar, pendurei um mapa-múndi na parede e enfié um alfinete em cada lugar que já havia visitado. Após anos de viagens, o mapa estava coberto de alfinetes. Um dia, mencionei a uma amiga:

- Imagine quando eu estiver velha e puder dizer: “Vejam os lugares que visitei.”

- Acho que o que você vai dizer - objetou ela - é: “Quem enfiou todos esses alfinetes no meu mapa?”

ETHEL AUSTIN, Canadá



PONTO DE VISTA

A imagem que tenho de minha mãe mudou muito. Ela era bem mais alta quando eu era pequeno.

HOWIE MANDEL em “I love you, mom!”, de Kelly Ripa e outros (Hyperion)